

No mundo de TELECOM

Apesar da crise» Telefónica direciona foco para América Latina, que vai receber exatamente os investimentos previamente anunciados para os próximos anos

A América Latina continua sendo o foco dos investimentos da Telefónica, a despeito da crise financeira que assola os mercados mundiais, e o continente vai receber exatamente os investimentos previamente anunciados para os próximos anos, a despeito da escassez de crédito que poderá resultar da crise internacional. Esta foi a tônica da apresentação do segundo principal executivo do grupo espanhol, Júlio Linares, e do diretor geral da Telefónica Latino-américa, José Maria Palette Lopez, a um grupo de jornalistas, em 9 de outubro, em Madri. A região atingiu crescimento de 5% nos últimos cinco anos, e nos próximos anos deverá seguir crescendo 4%, prevê o grupo.

A redução da velocidade de expansão não deverá, porém, atrapalhar em nada os investimentos. Linares foi taxativo: "Não dependemos de captação de recursos no mercado financeiro. Temos a disponibilidade de dinheiro de que precisamos para manter os planos de investir na Brasil e na América Latina", disse, referindo-se a um total de €14 bilhões a £16 bilhões em quatro anos, de 2007 a 2010. Da total, a parcela que cabe ao Brasil totaliza R\$ 15 bilhões, conforme anunciada no ano passado ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Esse valor, segundo detalhou Palette Lopez, não inclui aquisições de empresas ou de faixas de frequência, somente investimentos no aumento da infra-estrutura de banda larga, TV e telefonia fixa e móvel. Isto não quer dizer, porém, que o grupo não pretenda fazer aquisições,

apenas que esses gastos não estariam computados nos investimentos citados, esclareceu.

Em se falando de aquisições, a responsável pela América Latina afirmou que a Telefónica continua interessada em comprar a participação da Portugal Telecom na Vivo, embora seja conhecido que os portugueses não querem vendê-la. "A Vivo vem se recuperando de perdas de fatia de mercado no passado e está reunindo várias conquistas recentes, como a compra da Telemig, a compra de espectro para terceira geração e a troca da tecnologia CDMA pelo GSM. Não faz parte dos nossos objetivos nos desfazer da Vivo em nenhuma hipótese", afirmou o executivo, respondendo se haveria interesse numa hipotética troca de parcela na Vivo pela TIM. "Temos zero de direito político na TIM e os italianos tampouco queriam vender a operadora", disse. Referindo-se à participação da Telefónica na controladora da Telecom Itália, que por sua vez possui 100% do controle da TIM.

O crescimento constatado na operação latino-americana nos últimos meses ficou configurado, durante a apresentação feita em Madri, como a grande esperança de futuro do grupo de telecomunicações. Pela primeira vez, as receitas oriundas dos países latino-americanos superaram as da Espanha. De janeiro a junho deste ano, do total faturada de € 28,1 bilhões pelo grupo nos 25 países em que atua, €10,331 bilhões vieram da Espanha, embutindo crescimento de 2,1% sobre o mesmo período do ano passado. Enquanto isso, a parcela da América Latina alcançou € 10,531 bilhões, e trouxe expansão de 12,2% sobre o primeiro semestre de 2007. Hoje, a América Latina representa 37% do faturamento do grupo e lidera o seu crescimento. Daí porque não há nenhum risco de o investimento ser reduzido,

mesmo em função de uma crise financeira internacional, segundo Linares.

No primeiro semestre, as investimentos na região somaram €1,499 bilhão, ou 43% do total da grupo para o período.

CONSOLIDAÇÃO

Principal executivo do grupo espanhol para a América Latina, López enxerga com bons olhos a possibilidade de mudança nas regras do setor de telecomunicações brasileiro, a despeito de essa mudança estar sendo motivada pela intenção da Oi adquirir a Brasil Telecom. "O cenário mundial é convergente mesmo, com ofertas combinadas (de telefonia fixa, móvel, banda larga e TV). Por isso, no nível conceitual, a concentração não é ruim e também ocorre no resto do mundo. As mudanças vão levar a serviços convergentes e a melhorar a competitividade para todos", afirmou. Ele disse ainda que a Telefónica também pretende adquirir condições de oferecer um pacote convergente que inclui telefonia fixa, móvel, banda larga e TV. "Hoje temos apenas um acordo com a TVA", disse. A operadora depende do encaminhamento do Projeto de Lei 29, que altera a chamada Lei do Cabo, para poder controlar integralmente uma emissora de TV a cabo. "A Net é um competidor fortíssima porque pode oferecer os serviços combinados", comparou o executivo.

A entrevista foi concedida na sede que a Telefónica inaugura oficialmente na Distrito C, um complexo imobiliária de 377 mil metros quadrados construídos a meia hora do centro de Madri, onde vai reunir 11 mil empregados que antes estavam espalhados em vários edifícios na capital espanhola,

(por Thaís Costa, da Gazeta Mercantil,
que viajou a convite da Telefónica)